

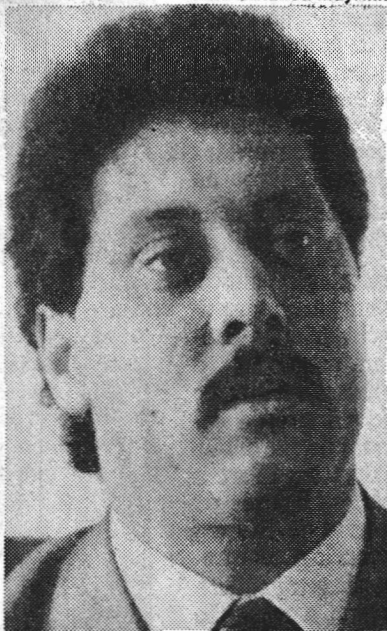
# Bucchi acha que futuro governo não mudará a política econômica

Fernanda Mayrink

SÃO PAULO — Por mais díspares que sejam as propostas apresentadas pelos candidatos à presidência da República, e por mais enérgicas que sejam em relação a alguns setores da sociedade, a prática real a ser desenvolvida pela equipe econômica que vencer as eleições não trará grandes diferenças sobre o consenso da sociedade em controlar a inflação e retomar o processo de crescimento nacional. Essa garantia foi dada ontem pelo presidente do Banco Central, Wadico Bucchi, que manteve sucessivos encontros com quase todos os assessores técnicos dos presidencialistas. “Só falta discutir o assunto com um dos assessores, mas em geral as coisas estão tranquilas”, afirmou.

“O discurso dos candidatos é diferente da prática e nem poderia ser de outra forma”, disse Bucchi. “Conversando com as assessorias técnicas dos candidatos, posso garantir que se trata apenas de discurso político.” O principal assunto que tem norteador as conversas de Bucchi com as equipes econômicas dos candidatos é a necessidade de garantir um Banco Central autônomo no novo governo, de forma a lhe conferir a plena capacidade de execução monetária do país. Por essa razão, Bucchi tem trabalhado junto ao Senado Federal para que o projeto de regulamentação do sistema financeiro do Congresso ganhe um destaque que garanta a votação, ainda nesse ano, desse tema. Ou seja, Bucchi está trabalhando para que o Congresso vote em separado a conquista de autonomia do BC para atuar na execução da política monetária.

**Compreensão** — O cacife de Bucchi para a negociação com os congressistas é alto. Ele é o único presidente de Banco Central que, até hoje, passou pelo crivo dos partidos políticos e possuiu mandato indefinido até a votação da regulamentação. Com a clara compreensão de que o novo governo terá de contar com o apoio do Congresso Nacional para conseguir trabalhar se pro-



**Bucchi: apenas discursos**

grama econômico, Bucchi está preparando um diagnóstico da crise brasileira para apresentar ao Congresso no próximo dia 25.

Bucchi também está com a adequada compreensão de que o Congresso Nacional irá representar, daqui para a frente, uma realidade na correlação de forças sobre as decisões nacionais. E por isso ele irá apresentar as propostas do Banco Central, primeiro, aos deputados e senadores. Depois disso, as propostas serão apresentadas aos dois candidatos que passarem para o segundo turno das eleições. O diagnóstico do BC é simples: o problema brasileiro é de ordem fiscal. “O país tem todas as condições de retomar o seu caminho de crescimento, basta organizar um ajuste fiscal para equilibrar receita e despesa”, afirmou Bucchi.

“Como e onde se deve priorizar os cortes e organizar aumentos de arrecadação, é uma tarefa do novo governo”, entende Bucchi. “A decisão é política e temos que assessorar tecnicamente o novo presidente e o Congresso Nacional”. De parte do BC, segundo ele, há toda uma série de medidas a serem propostas. “As empresas estão capitalizadas, os bancos também e o único problema é o desajuste fiscal.” Na opinião de Bucchi, a questão da dívida interna é mais uma consequência desse desequilíbrio.

**Preço** — “Por essa razão não há motivo para pânico em relação à questão da dívida interna”, afirmou Bucchi. “O problema da dívida é a velocidade do seu crescimento, e não o seu tamanho. Pagamos um preço caro pela transição política. Mas com um novo quadro, com um novo governo em acordo com o Congresso, o prêmio pago na forma de juros diminuirá naturalmente e qualquer presidente que assuma o país terá que gerir sua dívida interna até levar o país para a realização dos ajustes fiscais necessários.” Por essa razão, garantiu Bucchi, não há por que temer uma atitude compulsória do governo, mas a escalada natural do surgimento das soluções para o problema.

É dentro desse contexto que se coloca a questão da autonomia do BC. O orçamento do próximo ano enviado ao Congresso proíbe qualquer aumento no seu tamanho, mas somente transferências de um setor para outro. “E para suportar as pressões é preciso que o BC ganhe autonomia de atuação”, afirmou Bucchi. Alcançado o ajuste fiscal (com a venda de estatais, diminuição de gastos ou outras propostas correntes na sociedade), o país poderá voltar a crescer. Os recursos para o desenvolvimento, inclusive, surgirão também naturalmente através de investimentos externos.